

O tema da presente aula será a crise da família da atualidade. Procurei elaborar na última aula o conceito da família como a conversação primitiva dentro da qual me encontro ao encontrar-me no mundo. A crise da qual falarei hoje será portanto a da conversação no significado mais imediato e primitivo do termo. Mas peço a sua licença de abordar primeiro o conceito de crise.

O termo "crise" vem do verbo grego "krinein", que significa distinguir ou separar, e os termos "critério" e "crítica" são igualmente seus derivados. O conceito da crise tornou-se lugar comum e penetrou a conversa fiada durante a derrocada da economia capitalista dos anos 20 e 30. Era este um instante na evolução do capitalismo, no qual os meios de produção, incentivados pela crescente tecnologia, explodiram o sistema de distribuição que se demonstrou ser inteiramente inadequado. A situação que surgiu foi a de uma produção não distribuída. Essa situação tinha sido prevista pelo socialismo do século 19. E tinha sido prognosticado como a fase final do capitalismo. O sistema de distribuição capitalista, tendo sido demonstrado como inadequado à tecnologia, ia ser substituído pelo sistema de distribuição socialista. Mas embora o diagnóstico socialista tenha sido acertado em suas linhas mestras, falhou o prognóstico redondamente. A economia capitalista conseguiu evoluir um sistema distributivo muito eficiente, e deu origem ao neo-capitalismo keynesiano, um sistema que parece excluir, pelo menos em tese, crises semelhantes no futuro. Pois este é, a meu ver, o característico de toda crise. Pode ser diagnosticada, mas não prognosticada. Pois a crise é um estágio dentro de um processo, no qual duas fases se separam. É possível verificar-se, nesse estágio, o fim da primeira fase, mas é impossível prever-se a segunda. Em outros estágios de um processo prognósticos são legítimos, já que o curso do processo é relativamente ininterrupto. Mas na crise esse curso é interrompido, e o que caracteriza a crise é justamente a impossibilidade de prevê-lo o seu desfecho.

Tomemos um outro exemplo. Se lanço um série de pedrinhas contra uma vidraça, e se o faço com impulso crescente, posso prever o ângulo no qual essas pedrinhas serão refletidas pela vidraça. E posso prevê-lo ainda o momento crítico, no qual uma pedrinha da série deixará de ser refletida, porque romperá a vidraça. Mas o que não posso prevê-lo, a partir do processo mesmo, é a forma pela qual a vidraça se romperá, em que tipo de pedaços se decomporá, e de que forma a pedrinha penetrará para o lado de fora da janela. Em outras palavras: dentro da série de lançamentos posso prevê-lo a crise, mas não posso prever o desfecho da crise. Se digo que a família está atualmente em crise, é a este estágio do seu processo que estou aludindo. As considerações seguintes serão portanto tentativas de diagnóstico, mas prognóstico nenhum será ensaiado.

Para caracterizar a crise que tenho em mente, compararei duas situações típicas dessa conversação que é a família e procurarei interpreta-las. A primeira é a seguinte: no centro da situação está a mãe, cercada pelos filhos. A mãe está sentada numa poltrona, os filhos no chão, e no horizonte da situação está o pai lendo um livro. A mãe está contando uma história de fadas. A segunda situação é a seguinte: no centro está um aparelho de televisão, cercado em hemicírculo pelos pais e filhos, e tendo as costas contra a parede. Uma fita de cowboy está no programa. Para comparar as duas conversações, falarei primeiro no seu conteúdo, e depois da sua estrutura.

O conteúdo das duas conversações são mitos. O conto de fadas é um mito pagão,

trêdo provavelmente um tema da natureza, como semeadura e colheita, por centro. Este mito passou pelo crivo do cristianismo durante a Idade média, e fortes tendências cristãs podem nele ser descobertas. No renascimento e no barroco este mito foi racionalizado e traduzido da camada religiosa para a camada pedagógica, e esta influência, também, pode ser descoberta no conto de fadas. Trata-se, por assim dizer, de uma influência que procura inocentar e dessacralizar o mito. No romantismo esse mito dessacralizado foi colhido pelos poetas em busca das fontes do pensamento e elevado para o nível da arte. É provável que a mãe conte o conto de fadas nessa sua última forma romantizada e embelezada, embora certamente haja também elementos pessoais, conscientemente ou inconscientemente introduzidos. A história de cowboy provém do mesmo chão mítico do qual brotou a história de fadas. Mas o repertório dos mitos ficou reduzido, porque somente aqueles de conteúdo dramático se prestam para o seu novo ambiente. E a origem da fita de cowboy no mito é relegada para um substrate inconsciente. Porque a história se passa num cenário localizável, a saber no Oeste americano do século passado. Assim ela fica retirada do tempo mítico, e inserida no tempo histórico, o que lhe tira o encanto do mito. Não começa pelas palavras: "Era uma vez", mas pelas palavras "neste lugar e neste instante". O desenvolvimento histórico da fita de cowboy é mais óbvio que o do conto de fada. É uma adaptação comercial feita por especialistas, de acontecimentos relativamente recentes da história dos Estados Unidos à mitos que são subconscientes aos próprios adaptadores.

Considerem por um instante as semelhanças e diferenças do conteúdo das conversações que propuz como exemplos. A semelhança fundamental é esta, e é por causa dela que comparei as duas situações propostas: a conversação familiar está integrada, pelos dois assuntos, na grande rede de conversação que brotou, in illo tempore, dos mitos do Ocidente. A mãe, respectiva a televisão, são canais pelos quais se projetam para dentro da situação familiar os mitos desfechantes informando os participantes e fazendo com que sejam ocidentais esses participantes. Embora os filhos que fazem parte da conversação não se dêem conta do fundo longínquo do qual lhes provém a informação, e embora talvez a atribuam à mãe e ao aparelho, estão, com efeito, ligados por estas informações ao grande conjunto da cultura. A mãe no entanto sabe surdamente da sua função de propagadora da conversação que é a nossa cultura, e sabe quase conscientemente que a sua articulação é um elo da grande cadeia da tradição pela qual se propagam e modificam valores. E a televisão foi projetada exatamente para substituir a mãe como elo dessa cadeia, embora a sua finalidade imediata seja vender produtos cosméticos ou slogans do governo.

E com esta observação passo à diferença fundamental no assunto. A mãe é um canal muito mais estreito e muito mais filtrado de informações que a televisão, e liga portanto a criança com a cultura de uma maneira muito mais limitada e muito mais intensa. É um canal mais estreito, porque o seu repertório é menos rico e variado, e porque introduz uma censura mais rígida na escolha dos assuntos. É um canal mais filtrado, porque as informações que transmite são interrompidas em grau muito menor por imperativos, e porque esses imperativos não são, no caso da mãe, propaganda comercial nas regras de comportamento de aplicação mais imediata. O resultado dessa diferença é que a criança fica, por intermédio da televisão, ligada a um território muito mais vasto da cultura pela televisão que pela mãe, e que essa ligação tem uma carga emocional muito mais rasa. Embora esteja a criança esta na dependência tanto da mãe como da televisão para a elaboração das

seus projetos vitais, é essa dependência vivenciada com maior emoção no caso da mãe que no caso do aparelho. O assunto que a televisão transmite, embora seja mais variado e mais dramático que o assunto transmitido pela mãe, é não obstante existencialmente menos interessante. A amplidão do interesse na segunda situação é compensado pela sua pouca intensidade. E isto caracteriza, com efeito, toda a geração daqueles que nasceram na segunda situação familiar que estou descrevendo. São existências dispersas.

Passo a considerar as estruturas das duas situações familiares. A primeira situação é dialógica, na qual informações se espalham do centro que é a mãe, alcançam a fronteira, que são os filhos, e são de lá refletidas em forma de perguntas. Esta conversação consiste portanto de um vai e vem de sentenças, e as ligações assim estabelecidas se fortificam pelo trânsito de sentenças. A estrutura se apresenta portanto como bem formulada, e tende a formular-se melhor na medida em que a conversação progride. Dizemos que a família tem uma estrutura nítida e fechada. É esta estrutura nítida e fechada que provoca nos participantes a sensação de abrigo. Embora esteja a família aberta para a cultura geral pelo assunto conversado, é, não obstante um elemento bem destacável dentro dessa cultura.

A segunda situação é monológica, na qual informações se espalham do centro que é a televisão, passam pela barreira representada pelos participantes, e espalham-se daí de maneira divergente espaço vazio por fora. Informam, é verdade, na sua passagem, as mentes dos espectadores, mas não são influenciadas por elas. E o aparelho não é, como sabemos, o verdadeiro centro da conversação deste tipo. As suas costas estão viradas para a parede, e por detrás da parede está ligado o aparelho com um super-centro, a partir do qual são irradiadas as informações para milhares de situações semelhantes. A segunda situação está portanto muito mais aberta que a primeira, e o está em ambas as direções das sentenças. Na direção da articulação está aberta a situação até o centro irradiador, impessoal e planejado, e na direção da captação está aberta ao infinito.

A consequência destas duas aberturas é a relativa pobreza de elos transversais a sustentarem a sua estrutura. Na primeira situação tece o vai e vem das sentenças uma rede conversacional que une os participantes. Na segunda situação surgem, de vez em quando, comentários marginais que ligam os participantes entre si, mas estes comentários não são suficientemente frequentes para estabelecer uma verdadeira rede. Uma frágil teia de aranha é portanto a "gestalt" da família na segunda situação, uma teia na qual a aranha é inatingível, e na qual os fios se perdem no nada. É óbvio que uma tal estrutura não abriga da mesma forma como outrora abrigava a teia. E é igualmente óbvio que é muito mais fácil superar o segundo tipo de família que o primeiro.

As duas situações que escolhi são como que instantâneos recortados do filme que é o processo da família na realidade. Outros tipos de instantâneos poderiam ter sido escolhidos. Mas creio que teriam resultado em apanhados semelhantes. Em que reside pois, à base da consideração desses instantâneos, a crise da família da atualidade? Reside no afrouxamento da estrutura familiar, no fato de se tornarem substituíveis os seus elementos, na invasão da situação por instrumentos tecnológicos, e na falta de aparecimento de uma estrutura nova a substituir a antiga e gasta. Tomarei estes quatro aspectos nesta ordem.

O afrouxamento da estrutura familiar é vivenciado por uma diminuição da sensação de pertencer, e por uma insatisfação da tendência para uma comunhão absorvente.

é como se numa ligação química os elementos não estivessem unidos por todas as suas valências e portanto abertas aos ácidos e às bases do ambiente. Curiosamente esta falta de comunhão fundamental não facilita o ensimesmamento, mas é um convite para a conversa fiada e para a dissolução na massa amorfa da gente. A família frouxa é uma espécie de aglomerado mal cristalizado, no qual a conversação tende sempre para a conversa fiada, e no qual uma verdadeira individualidade não surge. O clima de tédio morno que caracteriza essa situação evita uma verdadeira rebelião, e, com efeito, podemos notar que a nova geração não se rebela. Simplesmente ignora a existencia da mais velha, já que esta pouco lhe incomoda. O elo da tradição está rompido no nível familiar, embora ainda mantido no nível da informação coletiva. Acivilização ocidental continua externamente intacta, mas a família deixou de ser o canal principal pelo qual se propaga. Surge, para substituí-la, pelo menos nas sociedades desenvolvidas, o bando. É possível que esse bando, o "gang", seja uma das formas pelas quais a família será ultimamente superada.

A possibilidade de serem substituídos os diversos elementos da família sem que ela sofre de continuidade, (por exemplo a mãe é substituível pela televisão, ou pela ama, ou pela segunda mulher do pai, ou pela creche), resulta numa facilidade de transferência de lealdades. O outro não é algo fixo e dado, mas passa a ser um um ponto de referencia relativo a uma situação dada. Passo a existir, não mais em função de um outro, mas em função de um campo. Creio que as análises existenciais da atualidade, e especialmente as análises satiricas, não se dão conta suficiente dessa mudança da cena. Não existo mais com outros, mas existe em campo com outros substituíveis. O conteúdo da minha situação é variável, o que é relativamente estável é a sua estrutura. E projeto-me não tanto para modificar os outros, mas para modificar a estrutura daquilo que me condiciona. Há um ar abstrato e formal na minha situação, e portanto nos meus empenhos. Vivo, se é que se pode chamar ainda de "vida" o meu trajeto, de maneira abstrata e que tende sempre mais a se-lo. É óbvio que nesse clima termos como amor e ódio passam a sofrer uma sutil mudança, e, com efeito, a observação das ligações amorosas da nova geração comprova essa afirmativa.

A invasão da situação familiar pelos instrumentos da tecnologia tem por consequência uma curiosa antinomia. De um lado tendem os instrumentos a standardizar o ambiente familiar e tirá-lhe o cunho individual, de modo que as famílias tornam-se substituíveis uma pela outra. De outro lado tende o influxo continuo de novos instrumentos a tornar fluido o ambiente familiar, e tirar-lhe o cunho da familiaridade. O que está acontecendo, com efeito, é o mergulho da família para dentro do fluxo da história e do desenvolvimento. A família de duas gerações passadas representava como que uma ilha a-historicidade num mundo historicamente fluido, e era nessa ilha que o homem se refugiava da efemeridade que adere ao processo. A família era como que um rochedo de valores a-históricos, isto é eternos, na correnteza do relativo. Pois essa correnteza correu e dissolveu o rochedo. E na medida em que os instrumentos não ocupam somente um lugar fisicamente de destaque no ambiente familiar, mas também um lugar de destaque naquilo que resta de uma autentica conversação familiar, nessa medida a família está superada.

Por último considerarei a falta de uma nova estrutura. Embora problematizada pelas considerações que mencionei, e por outras que não mencionei, não foi a família, (pelo menos que eu saiba), substituída por outra estrutura. Ainda nascemos somente pelo método biológico, ainda moramos, arcaicamente, com os pais e os ir-

mãos, e ainda participamos com eles, arcaicamente, de certos bens de consumo. É possível que novas estruturas estejam surgindo ao nosso redor sem que nos estejamos dando conta disso. Mencionei o "gang", e poderia ter mencionado também o internado. Mas a família, com sua estrutura tradicional, embora carcomida, continua sendo a situação primordial na qual todos nos encontramos. É este, a meu ver, um dado fundamental da nossa tentativa de encontrarmo-nos a nós mesmos, e sómente se visto assim o problema, adquire o termo "crise da família" o seu verdadeiro significado existencial como um dos nossos determinantes. O que significa pois, existencialmente, essa crise?

Os quatro aspectos da crise que mencionei significam, no fundo, que nos é vedada, peça própria estrutura da situação dentro da qual nascemos, a plena sensação da realidade. A situação que nos cerca não se nos apresenta como absurda em resultado de uma desilusão sofrida no curso de nossas vidas, ou como consequência de especulações científicas, filosóficas ou religiosas, mas apresenta-se como absurda em virtude da sua decadência historicamente condicionada. É verdade que descobrimos essa decadência sómente depois de termo-nos afastado irónicamente da situação primitiva, isto é que a descobrimos objetivamente, mas essa descoberta nos a fazemos porque assim foi projetado o nosso ser no momento de ter sido lançado para o mundo. O fundamento existencial da nossa dúvida reside no fato de não nos podermos encontrar a nós mesmos, porque não encontramos outros. Este tipo de dúvida é recente. Não se assemelha à dúvida cartesiana. Esta partiu da existencia indubitável e lançou-se contra a circunstância duvidosa, porque abandonada por Deus. Mas a nossa dúvida parte, literalmente, do nada. Tem portanto exatamente a direção inversa. Não é do mundo que duvidamos, mas de nós mesmos. Não é portanto o mundo que interessa em primeiro lugar, mas somos nós mesmos. Não é o poder sobre o mundo que procuramos, mas procuramos por nós mesmos e pelo outro que nos possa confirmar que somos.

Se a dúvida cartesiana era o ponto de partida para o humanismo e para a ciência da natureza, portanto para toda a Idade Moderna, é inteiramente possível que este novo tipo de dúvida que nos caracteriza seja o ponto de partida para uma cultura nova. E essa cultura, se e quando instaurada, resultará provávelmente em nova estrutura fundamental a conceder aos seus participantes o senso de realidade. Mas essa estrutura nova não pode ser planejada, pelas razões que mencionei ao analisar o termo crise. Todo planejamento é feito no universo de discurso que é anterior ao desfecho da crise. Se podemos portanto profetizar algo, é este: Os planos para uma revigoração ou reformulação da família, feitos pelos sociólogos tanto do liberalismo como do socialismo, não serão realizados. Se o fossem, a nossa análise da situação familiar teria sido falsa, porque nesse caso a família não estaria em crise.

É óbvio que a crise da família não passa de aspecto de uma crise mais ampla, a saber da crise do Ocidente com todos os seus conceitos e todos os seus valores. Mas é um aspecto fundamental dessa crise. Se imaginarmos por um instante que as demais instituições do Ocidente tivessem entrado em crise, mas se a família se tivesse milagrosamente conservada ileso, certamente não teríamos essa sensação de desabrigo e do fortuito que nos caracteriza. E isto kodificaria totalmente o clima que respiramos. Aceitemos pois a situação como nos foi dada. Mas não nos rendamos. Não procuremos, inautenticamente, conservar ou renovar estruturas e valores que perderam a sua vigência na situação da atualidade. Não

participemos da conversa fiada obviamente hipócrita que insiste em afirmar que na família tradicional ainda reside o fundamento da nossa cultura. E, acima de tudo, não procuremos mergulhar o assunto num falso moralismo. Mas tão pouco caiamos naquele amoralismo e naquela irresponsabilidade que é consequência mais fácil da diagnose da cena. Procuremos encontrar novos valores, baseados na vivência da nossa cena, e na racionalização dessa vivência a partir de um ponto de vista irônico e distanciado. Enfim, aceitemos o fato que estamos em crise, isto é em situação de separação e de distinguir, da decisão portanto.

Sei que minha exposição é rudimentar e está longe de exaurir o assunto. Parcialmente isto se deve a limitação de tempo que me é imposta, parcialmente à dificuldade que o tema oferece, (pois embora se trate de tema milhares vezes discutido, continua a meu ver terra virgem), mas parcialmente também porque é justamente este um tema que uma discussão esclarece e amplia. Pois convido os senhores para ela.